

VI Fórum de
Pós-Graduação
do Colégio
Brasileiro de
Ciências do
Esporte

III Fórum de
Pesquisadores das
Subáreas
Sociocultural e
Pedagógica da
Educação Física



A Pós-Graduação na
Educação Física e a
Educação Básica
Brasileira

01 a 03 de JUNHO de 2016

ESEFID - UFRGS
Porto Alegre - RS

ATRAVESSAMENTOS DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Amanda Dória de Assis

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

E-mail: doria-amanda@hotmail.com

Rosângela de Fátima Rodrigues Soares

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

E-mail: rosangelarsoares@gmail.com

No presente trabalho¹ examinoos marcadores de gênero nas aulas de Educação Física, problematizando o currículo deste componente curricular em ação, apoiado nos Estudos Culturais e nos Estudos de Gênero. Conforme Meyer (2002), esses estudos, mais do que buscar a verdade, preocupam-se com a produção de conhecimentos para compreender o mundo cotidiano e as relações de poder que o constituem e atravessam (p.21).

À luz dessas ideias, operando com a perspectiva que compreende gênero como construção social, a educação física na escola constitui-se como espaço de produção de identidades e subjetividades, entre elas a constituição e reafirmação das identidades de gênero. Nesse sentido, investir em estudos que tratem desta questão é primordial a fim de tencionar construções históricas relacionadas a práticas corporais e gênero.

Com a pesquisa, realizada em uma escola de educação básica da rede privada Porto Alegre – RS, examinei uma turma do 3º ano do ensino fundamental, constituída por 25 estudantes; sendo 12 meninas e 13 meninos, entre junho e julho de 2015. Tendo como metodologia a análise cultural, utilizei um diário para descrever cenas das aulas de educação física, que julguei potentes para problematizar questões de gênero. A partir desses instrumentos e do referencial teórico, pergunto: O espaço tem gênero? Constituem-se nessas aulas diferentes habilidades e/ou diferentes oportunidades?

A análise das cenas permitiu demonstrar a separação clara entre os gêneros no espaço onde são realizadas as aulas. Os meninos, em sua maioria, ocupam boa parte dos espaços disponíveis para as aulas, enquanto as meninas ficam à margem dos mesmos. Além das distintas ocupações, também apontei e analisei as diferentes formas de movimentação dos/as estudantes nesse espaço, pois mesmo quando as meninas ocupavam o espaço físico da aula, apresentavam pouco envolvimento nas atividades, parecendo estar fora da aula.. Também me parece que há resistência das meninas em realizar muitas atividades conforme a intensidade da atividade corporal, como se tivessem vergonha de se expor corporalmente. Diante deste cenário, entendo que as cenas apresentadas permitem problematizar que o espaço comunica e aponta para as relações de gênero, mostrando o distinto emprego que meninos e meninas fazem dele nas aulas de EF. Ademais, reafirma signos, identidades e relações hierárquicas e desiguais que se constituem no interior da escola.

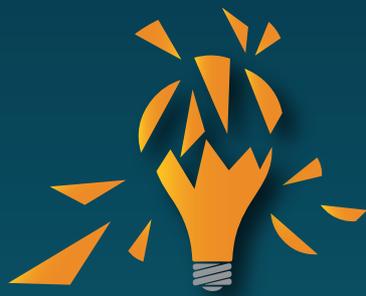
Busquei também problematizar os diferentes modos com que meninos e meninas realizavam as tarefas propostas em aula. Fica evidente quanto a maioria dos meninos se sobressai em diferentes atividades práticas, mostrando-se mais habilidosos, mais coordenados, ou simplesmente mais encorajados e motivados para realizar as atividades feitas em aula. A partir disso, questiono se tais

¹ Este Resumo apoia-se no Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Especialização “Os Estudos Culturais nos Currículos Escolares da Educação Básica”, do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



VI Fórum de Pós-Graduação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

III Fórum de Pesquisadores das Subáreas Sociocultural e Pedagógica da Educação Física



A Pós-Graduação na Educação Física e a Educação Básica Brasileira

01 a 03 de JUNHO de 2016

ESEFID - UFRGS
Porto Alegre - RS

diferenças são naturais. Sabe-se que desde pequenas as crianças, em sua maioria, são estimuladas de modos diferentes, conforme seu gênero. Elas são assim subjetivadas por práticas discursivas que delimitam quais atividades são adequadas para meninos e para meninas. Assim, práticas culturais referentes às atividades corporais ganham significações relacionadas ao gênero. Essas construções sociais são evidenciadas nas crianças, que desde pequenas apresentam nas aulas de EF diferenças de habilidades e de capacidades coordenativas, entre outros aspectos. Portanto, não é uma verdade e tampouco é natural que meninas sejam ruins e meninos sejam bons em atividades físicas.

Em suma, com este estudo compreendo que boa parte dos meninos parecem se sentir empoderados, pois sua identidade masculina parece lhes conferir poder e confiança para realizar as atividades propostas. Em contrapartida, a maioria das meninas assume o papel de coadjuvantes nas aulas, não se envolvendo plenamente nas atividades e, quando possível, ficam à margem do espaço das aulas. Assim, diferenças de gênero são estabelecidas durante as aulas de Educação Física no contexto estudado. Essas diferenças, por sua vez, produzem relações desiguais. Em vista disso, se admitirmos que a escola é espaço de construção e reprodução de diferenças, é importante, conforme nos provoca Louro, não apenas observar essas relações desiguais, mas também interferir a fim de romper com a continuidade dessas desigualdades. (LOURO, 1997, p.86).

Por fim, relato que na instituição onde se deu a pesquisa – escola da rede privada de caráter confessional - houve algumas mudanças a partir do trabalho realizado. Outras professoras estão atuando nessa luta, repensando algumas de suas práticas, como a organização de filas separadas para meninos e meninas, e a distribuição de folhas rosa pra meninas e de folhas azuis para meninos nas atividades escolares. Com isso, é possível observar que mais profissionais da escola foram provocadas a repensar suas práticas a partir das reflexões oriundas da pesquisa.

Palavras-Chave: Educação Física escolar, Ensino Fundamental, Estudos Culturais.

REFERÊNCIAS

LOURO, Guacira. L. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar. Etnia, raça e nação: o currículo e a construção de fronteiras e posições sociais. In: Costas, Marisa Vorraber (org.). *O Currículo nos limiares do contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

